

RALED

VOL. 20(2) 2020



RESEÑA

RESENDE, V. M. (org.). 2019
Decolonizar os estudos críticos do discurso

203 pp. Campinas: Pontes
ISBN: 978-8521701842

LUCAS MATHEUS SILVA TEIXEIRA

Universidade Estadual do Ceará
Brasil

Recebida: 7 de agosto de 2020 | Aceita: 22 de setembro de 2020
DOI: 10.35956/v.20.n2.2020.p.156-160

O livro *Decolonizar os Estudos Críticos do Discurso*, organizado por uma das autoras e pesquisadoras mais influentes da Análise de Discurso Crítica no Brasil, Viviane de Melo Resende, foi publicado em 2019 pela Pontes Editores, agregando importantes discussões para o tensionamento dos problemas da colonialidade e propor uma alternativa para a produção de uma ciência mais situada e responsável nos Estudos Críticos do Discurso. A obra possui 203 páginas e reúne sete artigos didaticamente articulados que foram escritos por autores e autoras de países prejudicados pela exploração colonizadora ou obrigados a assumir uma postura mais generalizadora devido às necessidades da globalização.

Na *Apresentação* do livro, além da introdução à perspectiva decolonial, é demonstrado o árduo processo para publicação de textos construídos com ideias que vão na contramão do processo hegemônico eurocêntrico que está imbricado nas instituições educacionais e editoriais. Ao lutar contra esse obstáculo, a organizadora e sua proposta são taxadas como “autoritárias” por editoras diversas, imputando aos autores e autoras dos capítulos a responsabilidade de esclarecer que a decolonização não objetiva calar as vozes (principalmente as eurocênicas/colonizadoras), mas exercer a sua voz que tem sido negada. Desse modo, já na *Apresentação*, Resende consegue esclarecer didaticamente os mitos levantados à decolonização e conscientizar pesquisadores e pesquisadoras sobre os obstáculos que enfrentarão, pois decolonizar implica uma luta contínua de transgressão, superando o colonialismo, e, assumindo tal postura, as instituições eurocênicas lutarão contra esse movimento.

Intitulado *Perspectivas latino-americanas para decolonizar os Estudos Críticos do Discurso*, e assinado por Resende, o primeiro capítulo da obra apresenta a perspectiva decolonial de estudos da linguagem propondo que analistas de discurso que se encontrem em local de subalternidade pensem em alternativas teóricas mais situadas em sua realidade. Uma vez que as pesquisas centradas no campo das Análises de Discurso têm sido construídas com teorias “universalizantes” europeias, a proposta é uma grande contribuição para área sendo muito bem explorada na obra ao propor uma ciência de crítica e de resistência para sanar problemas locais. Para traçar esse movimento, a autora sugere decolonizar o *saber* (tensionando o conhecimento científico linguístico como não universal), o *poder* (empoderando a criação teórica e metodológica local) e o *ser* (usando o espaço paradoxal da decolonização relacionando as potencialidades da comunhão de saberes múltiplos). A proposta aparenta ser nebulosa em um primeiro momento, mas com a progressão e a articulação entre os capítulos, leitores e leitoras iniciantes nos estudos decoloniais dos estudos discursivos poderão identificar a necessidade da contribuição do movimento decolonial.

No segundo capítulo, intitulado *Decolonização do conhecimento nos Estudos do Discurso* e escrito por María Laura Pardo, apresenta-se a relação entre o eurocentrismo e as universidades no que diz respeito à colonização eurocêntrica do fazer científico nos Estudos Críticos do Discurso. Pardo sugere que devemos ampliar nossos horizontes acadêmicos, principalmente lendo mais o que as nossas próprias instituições produzem. A contribuição da autora se mostra muito relevante, pois, se as instituições percebessem que a fácil distribuição do conhecimento científico (por exemplo, os e-books) auxilia novos e novas pesquisadoras do desenvolvimento científico, poder-se-ia assim minimizar os obstáculos enfrentados pelos acadêmicos. Segundo a autora, analistas do discurso precisam ter a consciência de que a ciência que produzimos é situada, assim, é necessário entender que nossas percepções são também situadas. Essa postura é muito válida para negar a universalização de conceitos, pois as teorias e metodologias podem objetivar construir “conceitos universais” europeus, as quais não se aplicariam em países colonizados.

Intitulado *Reconstruindo paradigmas orientais em Estudos do Discurso* e escrito por Shi-xu, o terceiro capítulo se articula com o anterior ao questionar “teorias e metodologias universais” que são frequentemente adotadas nas comunidades orientais sem realizar uma contextualização da conjuntura que lhes são inerentes. Desse modo, as produções e instituições acadêmicas acabam apenas reproduzindo ou imitando os paradigmas e projetos ocidentais, muitas vezes negando sua própria produção intelectual. Este capítulo exemplifica bem uma visão externa ao nosso paradigma, pois auxilia a compreensão da não contextualização do conhecimento científico como problemático e como essa questão pode passar despercebida quando ocupamos a posição de colonizadores ocidentais.

Ainda nesse capítulo, o autor reflete sobre o paradigma que surge aos pesquisadores e pesquisadoras orientais fazendo com que tomem as concepções ocidentais, aqui consideradas como concepções acadêmicas e científicas, como superior à suas tradições. Propondo uma solução, alguns apontamentos são sugeridos pelo autor para que os estudos discursivos possam transcender para um movimento multiculturalista. A sua visão é bastante fértil para o desenvolvimento científico e a perspectiva decolonial, por considerar uma equiparação dialógica entre o local e global, sem negar as tradições.

Na sequência, no quarto capítulo, intitulado *Perspectivas decoloniais feministas do discurso na pesquisa sobre educação e gênero-sexualidade* e escrito por Viviane Cristina Vieira, busca-se discutir pressupostos teórico-metodológicos e ontológicos sobre educação e gênero-sexualidade. Para isso, a autora relaciona, dialético-relacionalmente, os conceitos das dinâmicas das colonialidades (do poder, do saber e do ser) e a ordem do discurso. Ou seja, existem relações entre o discurso e a sociedade que sustentam e reafirmam relações de (de)colonização do ser, saber e poder.

Quanto à relação entre educação e gênero-sexualidade, em sua pesquisa, a autora encontra em textos político-pedagógicos o controle simbólico que exclui pessoas que não se identificam no par da cis-heteronormatividade. A problemática surge a partir disso, já que mesmo que se tenha um pensamento de decolonização feminista do discurso, a sociedade tem lutado contra essa proposta em uma educação de gênero-sexualidade mais plural e inclusiva, ao encarar movimentos que problematizam a suposta “ideologia de gênero”, reafirmando as práticas hegemônicas e colonizadoras.

Já no quinto capítulo, intitulado *Linguagem e decolonialidade: discurso e(m) resistência na trilha da Aquilombagem Crítica* e escrito por Gersiney Santos, discute-se como a linguagem pode contribuir para manutenção e transformação de realidades sociais. Nesse capítulo, o autor observa que a produção do conhecimento e as intervenções políticas continuam negando voz para a cultura africana, mesmo que historicamente o período colonial tenha sido extinto. As práticas da *pedagogia* e do *aquilombamento* surgem como forma de combate a qualquer tipo de escravização ou colonização. Essas redes pragmáticas são um bom exemplo da transgressão da decolonização, ao produzir uma intertextualidade considerando importantes personalidades ou práticas do povo negro, subvertendo a posição de dominação eurocêntrica e divulgando as figuras de luta e resistência do povo negro.

No sexto capítulo, intitulado *Crítica insurgente e o discurso do lado de cá: por uma ADC desde e para a América Latina* e escrito por María del Pilar Tobar Acosta, reflete-se sobre a importância de produzir pensamento científico do Sul e para o Sul e uma proposição muito bem ilustrada das ordens do discurso como categorias ontológicas com a colonialidade do poder, do saber e do ser como instrumentos para ação de lutas feministas anticoloniais, antirracistas e anticapitalistas. A autora critica o eurocentrismo do conceito de modernidade tardia utilizado no campo da Análise

de Discurso Crítica, já que na América Latina a modernidade chegou profundamente fragmentada e desigual. Uma das grandes contribuições do capítulo é ver como as metodologias que são traçadas para a realidade latino-americana são destoantes de países que foram colonizados.

Por fim, no sétimo e último capítulo, intitulado *Decolonizando as Ciências Humanas na África pela soberania intelectual* e escrito por Kwesi Kwaa Prah, discute-se sobre o processo de “Africanização sem o Africanismo”, ou seja, uma política de reparação histórica em que uma língua ou cultura africana é estimulada, mas os grandes centros urbanos continuam ditando e negando a cultura africana na própria África. Na sociedade sul-africana, segundo o autor, a maior parcela da população é negra, mas estes mesmos negam ou não respeitam a sua própria cultura local, preocupando-se com a respeitabilidade internacional. E esse é um dos fatos mais preocupante relatados no livro, o ápice da problemática central da colonização, quando esta chega a ser tão hegemônica que os próprios colonizados começam a negar a sua própria história para evidenciar a cultura do colonizador.

O apontamento do autor para uma solução decolonial é essencial ao tentar reestruturar um percurso de autoconsciência da cultura Africana, centrando o negro (principalmente em seu próprio país) na história e valorizando sua cultura local. Apesar de o capítulo ser de origem estrangeira, o texto nos permite pensar sobre a marginalização da cultura negra no Brasil, um país que possui uma grande parte da população negra e que muitas vezes nega as suas raízes em decorrência de instituições eurocêntricas.

Em síntese, podemos afirmar que o livro consegue desenvolver suas ideias em uma voz plural e em uma leitura agradável e didática para leitores e leitoras já experientes dos Estudos Críticos do Discurso, mesmo para aqueles e aquelas que não conheçam a perspectiva decolonial. Por outro lado, leitores iniciantes que não conhecem os Estudos Críticos do Discurso ou a Análise de Discurso precisarão realizar a leitura de textos-base na visão “eurocêntrica”. Isso não decorre de um problema específico do livro, mas da perspectiva decolonizadora ao solicitar uma transgressão, fazendo com que o pesquisador assuma uma nova postura utilizando o conhecimento anterior da área.

As discussões lançadas na obra são basilares para destituir as prisões epistemológicas e auxiliar o desenvolvimento de uma pesquisa decolonial, crítica e transformadora no campo dos Estudos Críticos do Discurso. Destaca-se a utilização da marcação de gênero feminino em todo o livro quando se refere a pesquisadores (inclusive nos capítulos traduzidos), como uma forma de resistência à colonização patriarcal que ainda assombra as produções acadêmicas, ao considerar como as únicas detentoras da verdadeira “ciência” as produções encabeçadas por homens.

É importante reiterar o destaque do livro para uma percepção do movimento decolonial nos Estudos Críticos do Discurso como não negacionista às epistemologias derivadas do ocidente ou de países colonizadores, mas uma adequação à produção de conhecimento às particularidades da nossa realidade, tendo uma visão crítica, plural e consciente do fazer científico e da comunicação.

Por fim, não é possível finalizar essa resenha sem destacar a importância da obra tanto no viés acadêmico como político, uma vez que as instituições eurocêntricas têm se consolidado profundamente nos âmbitos científico e social, limitando o desenvolvimento da produção latino-americana. O livro é uma obra essencial para traçar o movimento decolonial nos Estudos Críticos do Discurso e lançar luz à novas maneira de pensar, agir e ser na pesquisa em linguagem.

LUCAS MATHEUS SILVA TEIXEIRA. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (linha de pesquisa Estudos Críticos da Linguagem) da Universidade Estadual do Ceará (PosLA/UECE) e bacharel em Letras - Língua Inglesa (UECE). Bolsista CAPES.

E-mail: lucas@lucasteixeira.com.br